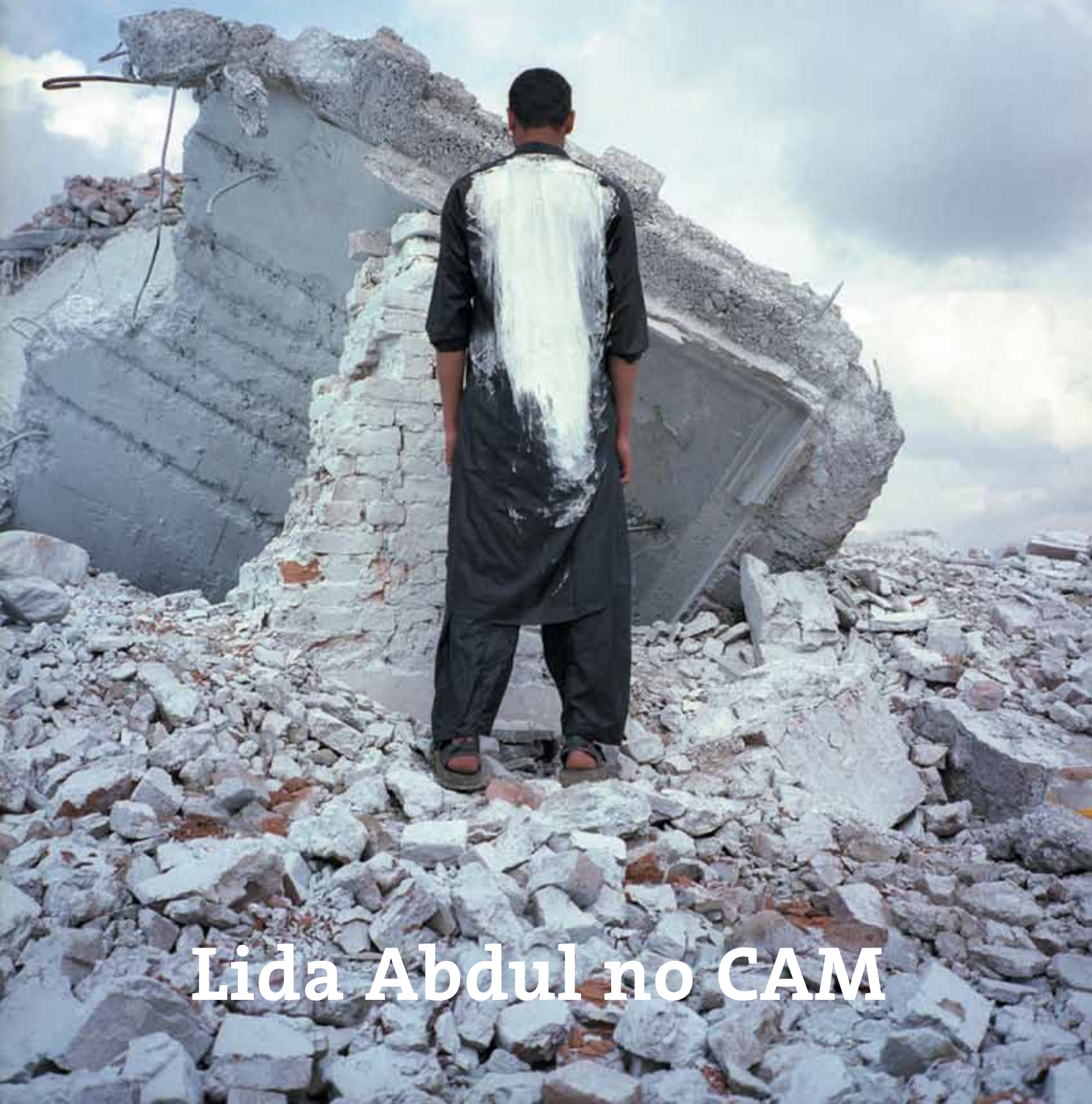




FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

NÚMERO 139
JANEIRO 2013

NEWSLETTER



Lida Abdul no CAM

índice

primeiro plano

- 4 **Experimentar para melhor aprender**

notícias

- 7 **A reforma do setor público em conferência**
 8 **As relações Portugal-Alemanha**
 8 **Fundos EEA Grants para projetos sociais**
 8 **Evolução para os mais jovens**
 9 **Tuberculose em África**
 10 **Investigadores do IGC premiados**
 10 **Nova descoberta sobre a malária**
 10 **A genética e a conservação das espécies**
 11 **China 3.0**
 11 **Novo número da Colóquio/Letras**

breves

bolsiros gulbenkian

- 14 **Tamila Kharambura**

um outro olhar

- 16 **André e. Teodósio e Vasco Araújo**

em janeiro

exposições

- 18 **Lida Abdul**
 20 **As plantas de Narelle Jubelin**
 21 **Homenagem a Julio**
 22 **Novas exposições em Paris**
 23 **As Idades do Mar**

música

- 24 **Vela 6911**

conferências

- 26 **A Ciência Descoberta**

atividades educativas

- 27 **Os artistas vão à Escola**

novas edições

- 29 **catálogos de exposições**

uma obra

- 30 **Marinha**

Experimentar para melhor aprender

Criar o gosto pela experiência e pela aprendizagem das ciências é um dos objetivos do projeto EMA da Fundação Gulbenkian. A Escola Secundária João de Barros, com problemas idênticos a tantas escolas públicas do país, soube criar o entusiasmo nos alunos que hoje já vão para o terreno e recolhem amostras para análise com os novos microscópios da Escola.

8

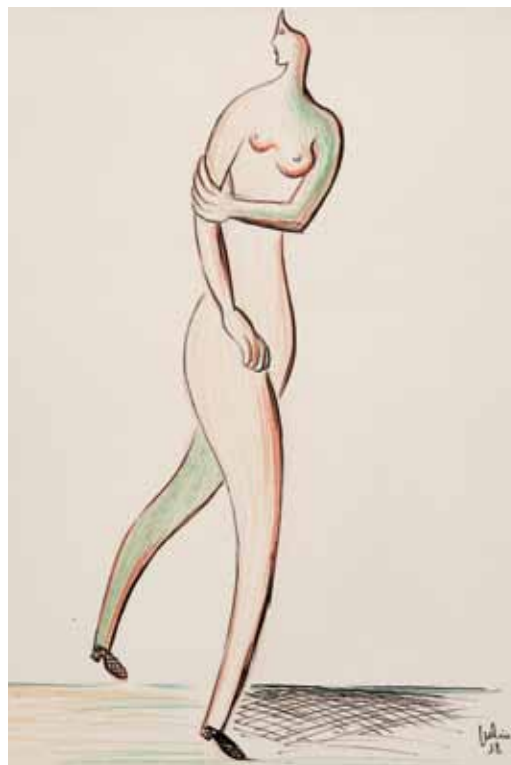
Mês de grandes conferências

O final de janeiro anuncia grandes debates na Fundação Gulbenkian. A **24 e 25** realiza-se o I Fórum Portugal-Alemanha para reflexão sobre as relações entre portugueses e alemães, no contexto da união económica e monetária, tendo como pano de fundo os desafios atuais na Europa. No final do mês, de **28 a 30**, é a vez do debate sobre a reforma da organização e gestão do setor público, numa organização tripartida da Fundação Gulbenkian com o Banco de Portugal e o Conselho das Finanças Públicas.

18

Novas exposições no CAM

As obras de Lida Abdul, Narelle Jubelin e Júlio dos Reis Pereira abrem o ano no Centro de Arte Moderna. No dia **18** serão inauguradas três exposições com obras de diferentes origens e representações multifacetadas, neste que é o ano de celebração dos 30 anos de criação do CAM.



Julio, sem titulo, 1938, © Col. Fundação Cupertino de Miranda

A Fundação Calouste Gulbenkian é uma instituição portuguesa de direito privado e utilidade pública, cujos fins estatutários são a Arte, a Beneficência, a Ciência e a Educação. Criada por disposição testamentária de Calouste Sarkis Gulbenkian, os seus estatutos foram aprovados pelo Estado Português a 18 de Julho de 1956.

NEWSLETTER NÚMERO 139.JANEIRO.2013 | ISSN 0873-5980

Esta Newsletter é uma edição do Serviço de Comunicação Elisabete Caramelo | Leonor Vaz | Sara Pais
COLABORAM NESTE NÚMERO Ana Barata | Ana Mena | André Cunha | **DESIGN** José Teófilo Duarte | Eva Monteiro | João Silva [DDLX] | **REVISÃO DE TEXTO** Rita Veiga | **FOTO DA CAPA** © Lida Abdul, *White House 1*, 2005 | **IMPRESSÃO** Greca Artes Gráficas | **TIRAGEM** 10 000 exemplares | Av. de Berna, 45 A, 1067-001 Lisboa, tel. 21 782 30 00 | info@gulbenkian.pt | www.gulbenkian.pt

Mensagem do Presidente

Em 2012 agravou-se a crise mais complexa da nossa história contemporânea, sem sinais de que possa vir a ser rapidamente superada, e que tem sido muito negativamente marcada por uma subida do desemprego claramente superior ao previsto e atingindo patamares sem precedentes.

No plano europeu, em especial na Eurozona, vive-se também uma crise profunda, quer no plano político, quer pela degradação da situação económica e, em alguns dos países mais representativos, pela agudização da situação social. As lideranças políticas atuais mostram-se incapazes de criar um clima de confiança que ajude a vencer a crise. Os decisores não atuam a tempo e com visão de longo prazo, o que pode ameaçar a prosperidade e a estabilidade que a Europa conheceu desde o final da II Grande Guerra.

Às fundações cabe assim responder a desafios crescentes, em especial quando o Estado está a reduzir o seu apoio ao setor social e à cultura. Na sua atividade filantrópica têm que saber fazer mais do que conceder apoios financeiros, acompanhando tais intervenções com o reforço da capacitação dos destinatários, contribuindo para a criação de condições da sua sustentabilidade.

As fundações devem ainda atuar com espírito de parceria com os seus beneficiários, assumindo um papel catalisador junto de indivíduos e comunidades que tenham com eles relações de maior proximidade. A independência, a permanência e a visão de longo prazo das fundações têm, pois, que se afirmar ainda mais. Temos que ajudar a pensar o futuro, colaborando mais ativamente com outras fundações, universidades, criadores culturais e cientistas, instituições mutualistas, parceiros sociais e, em geral, entidades do terceiro setor.

O papel do Estado e a organização do setor público têm que merecer a atenção da sociedade civil, que deverá ter uma ação mais interventiva e proactiva, usando mais o seu poder de influência. Os grupos mais vulneráveis – crianças em risco, deficientes, idosos e minorias imigrantes – têm que beneficiar de um apoio mais eficaz, em especial nas comunidades urbanas de maior dimensão, estimulando-as a ser mais inclusivas e não deixando para tal de usar, também, as artes.

Às fundações compete ainda injetar pensamento e soluções inovadoras no projeto europeu, dado que não há uma linha de rumo mobilizadora. Para tal, as redes europeias de fundações deverão estar mais atuantes e interventivas, lançando iniciativas que possam estimular e influenciar os decisores a defender o papel da Europa no mundo.

Conforme se anunciou, a Fundação Calouste Gulbenkian aprofundou, em 2012, o seu modelo organizativo. A intervenção nas áreas estatutárias, que não se apoiam em estruturas permanentes, deu lugar a programas com objetivos e



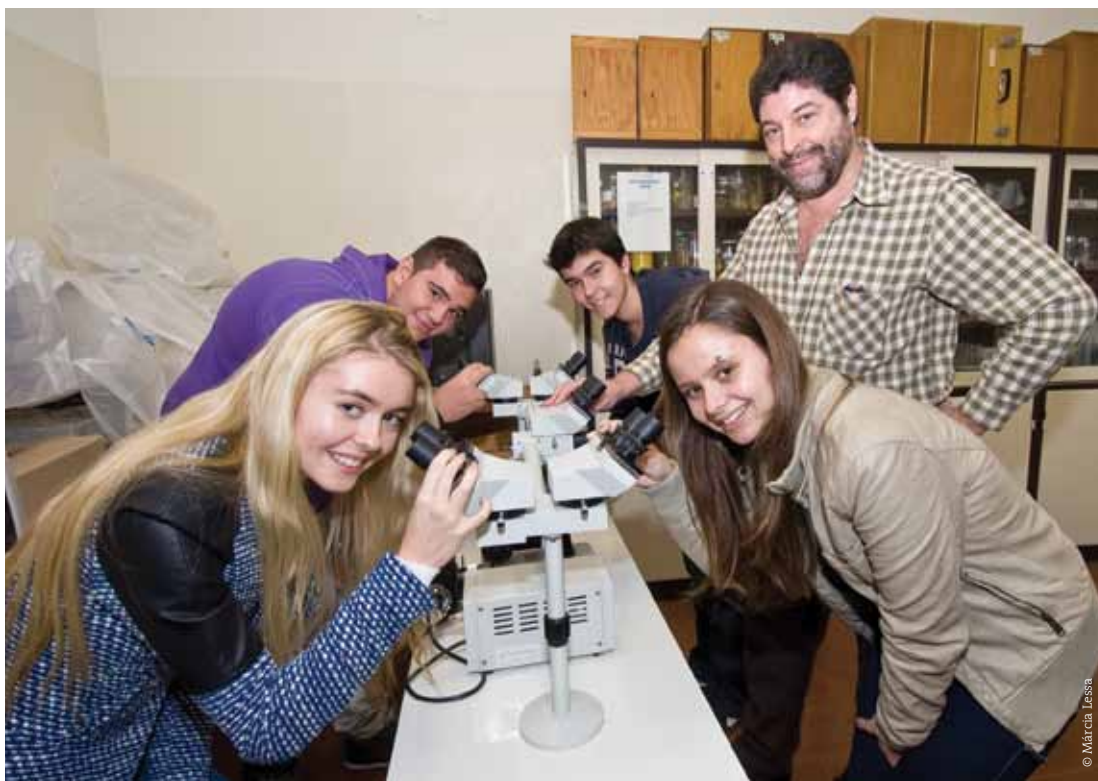
limites temporais previamente definidos. Por outro lado, o seu acompanhamento será feito com o apoio de conselhos consultivos totalmente integrados por elementos externos nacionais e estrangeiros, havendo lugar ainda a avaliações independentes dos resultados obtidos.

Nas estruturas permanentes da Fundação merece especial destaque a autonomização da gestão do Instituto Gulbenkian de Ciência, com um reforço dos recursos orçamentais a ele afetos. Só com mais e melhor investigação podem ser criadas condições de sucesso para construir uma sociedade mais competitiva e mais livre.

O quadro de prolongada crise em que vivemos, as excessivas expectativas que têm sido criadas quanto à capacidade de resposta das fundações, e a redução dos apoios públicos à sua atividade têm, por vezes, dado lugar a atuações e processos menos refletidos e lesivos da reputação do movimento fundacional. Por isso, importa saber comunicar e afirmar o valor do setor e o seu contributo para uma sociedade mais informada, menos vulnerável e mais justa.

Finalmente, importa sublinhar que a perpetuidade do nosso legado continua assegurada por um cuidado controlo dos custos de estrutura – condição fundamental em tempos da maior incerteza – e pelo reforço do retorno económico e financeiro dos investimentos da Fundação que, aliás, constituem fonte exclusiva do financiamento das suas múltiplas e diversificadas atividades.

Artur Santos Silva



Experimentar para melhor aprender

Na Escola Secundária João de Barros, uma das mais procuradas pela população escolar do concelho do Seixal, os alunos andam mais motivados e a descobrir outras competências desde que chegaram à escola os novos microscópios. Este equipamento de laboratório foi adquirido através do projeto EMA, que a Fundação Gulbenkian promove junto de escolas públicas para que estas apresentem propostas inovadoras de Estímulo à Melhoria das Aprendizagens (EMA).

“**P**ode ser que se venha a descobrir alguma nova espécie... Temos de apontar para objetivos altos!” Quem nos revela esta ambição é Daniel, 16 anos, um dos quatro alunos da Secundária João de Barros selecionados para integrar a vertente mais significativa do projeto EMA nesta escola de Corroios: o ensino experimental das ciências. Com os colegas Rita, Carolina e Fábio, e a orientação do professor de Biologia, começaram no último ano letivo a fazer trabalho de campo, recolhendo amostras em vários pontos do Sapal de Corroios, nas imediações da escola. Cuidadosamente, abrem a “caixa de ilusionista” para nos

mostrar o microscópio que têm levado para estas aulas de campo e que é essencial para as observações *in loco*.

Quando depois vão para o laboratório da escola observar as amostras recolhidas, têm acesso a mais equipamento – também adquirido no âmbito do financiamento obtido através do projeto EMA. A mais-valia deste outro microscópio, um instrumento importante do ponto de vista pedagógico porque serve para trabalhar com pequenos grupos de alunos, é-nos explicada pelo professor: “Tem a grande vantagem de iluminar por cima, o que permite observar objetos com alguma espessura e dimensão, nomeadamente os

organismos microscópicos que andam no lodo e que fazem dos sapais ‘maternidades’ de muitos peixes que encontramos nos oceanos e que acabamos por consumir.”

O trabalho de laboratório tem fascinado os quatro alunos, que antes já demonstravam grande curiosidade por estas matérias, embora só tivessem acesso a microscópios muito mais simples. O entusiasmo agora é tão grande que os professores esperam que seja contagiante: estão já a ser preparados cursos intensivos de verão e outras iniciativas para divulgar as ciências junto de alunos mais jovens, mesmo nas escolas primárias, e os formadores vão ser estes quatro alunos. A ideia é que os cursos práticos não sejam um prolongamento da escola, mas sim uma motivação.

“Queremos que este núcleo funcione como incubadora, procurando através dos registos e conhecimentos produzidos levar a mais alunos essa informação, despertando o seu interesse”, diz Manuel Porfírio, diretor da Escola Secundária João de Barros. Enquanto nos acompanha nesta visita ao laboratório da escola, instalado temporariamente numa sala de aula, mantém-se atento através da janela aos movimentos nos “monoblocos climatizados”, onde a maior parte dos alunos está a ter aulas.

A ESCOLA NÃO PODE PARAR

Salas de aula transformadas em gabinetes ou laboratórios, aulas de Educação Física a decorrer num pavilhão desportivo que fica a 500 metros da escola, enquanto as outras aulas têm lugar em instalações provisórias que já começam a degradar-se e a deixar entrar água – estes são alguns dos constrangimentos que alunos e corpo docente desta escola têm de enfrentar no seu quotidiano. Apesar das obras sem conclusão à vista, que desde outubro de 2010 restringem os mais de mil alunos a um terço do espaço que lhes é devido, “a escola não pode parar”, resume o diretor.

Manuel Porfírio entrou para esta escola como professor de História, há 26 anos, desde que abriu com a designação de Escola Secundária de Corroios n.º 1. No seu gabinete, sobre-dimensionado porque, com as obras, foi necessário ocupar uma antiga sala de aula (tal como acontece com a Secretaria e outros serviços da escola), o agora diretor assegura-nos que não dá grande importância aos *rankings* das escolas que se publicam nos jornais, porque não têm em conta que os estabelecimentos particulares de ensino dispõem de condições diferentes das escolas públicas, e a forma como acompanham os alunos também é diferente: “Não é melhor nem pior, é diferente”, afirma com conhecimento de causa. Porém, orgulha-se da Escola Secundária João de Barros ser atualmente uma das mais procuradas pela população escolar do Seixal.

“Fomos enchendo até ao limite e, este ano, tivemos mesmo de recusar três turmas”, explica o diretor. Em poucas pala-



avras, avança um dos fatores que mais contribui para a progressão positiva da escola: um corpo docente estável. “Noventa por cento dos nossos professores são efetivos, com mais de 15 anos de serviço, o que permite uma continuidade pedagógica no acompanhamento dos alunos”, diz Manuel Porfírio.

Outra razão de peso para este sucesso é a chegada do “comboio da ponte” – o diretor aponta para a estação da Fertagus mesmo em frente à escola –, que operou uma verdadeira viragem demográfica nesta zona. Mais recentemente, o metro de superfície também tornou esta escola muito acessível a nível de transportes. “A zona de Corroios cresceu muito e apareceu uma população mais jovem, com uma escolaridade mais elevada, que traz mais crianças e que se interessa pelo que se passa com os filhos na escola”, explica o diretor.

Prevê-se que, com as novas instalações, a escola possa integrar 50 turmas, correspondendo a cerca de 1600 alunos, com

um leque de ofertas educativas mais amplo. Até lá, esta escola secundária oferece o ensino regular – o básico e o secundário – com cursos de Ciências e Tecnologias, Línguas e Humanidades, Artes Visuais e Ciências Socioeconómicas, para além de cursos profissionais na área de Informática, também englobados no projeto EMA. Foi assim que o Clube de Informática da escola pôde ser equipado com novos computadores, monitores, discos, memórias, *webcams* e até uma câmara de filmar HD, o que permite aos alunos aprender a realizar, editar e montar imagens de atividades extra-curriculares.

PARCERIAS SÃO CONDIÇÃO OBRIGATÓRIA

Os equipamentos informáticos de que a escola dispunha até há pouco tempo afastavam os alunos por estarem tão obsoletos. Mas a atualização começou graças a protocolos que a escola tem estabelecido com algumas empresas de informática, que, para além de material, oferecem ainda estágios aos alunos dos cursos profissionais. A formação destes jovens é, assim, feita em parte na escola, em parte nas empresas.

“O EMA surgiu na sequência de outros projetos da Fundação Gulbenkian de combate ao insucesso e abandono escolares, mas com uma metodologia diferente, que exige às escolas procurar parcerias no exterior, seja com empresas, universidades, associações, ou outras entidades”, explica Manuel Carmelo Rosa, diretor do Programa Gulbenkian Qualificação das Novas Gerações. “Outra das nossas preocupações é que as propostas que nos chegam das escolas tenham também uma relação com a realidade local, sendo exequíveis e atuando numa das nossas áreas prioritárias de intervenção na Educação: o Ensino Experimental das Ciências”, acrescenta o responsável. Por isso destaca a Escola Secundária João de Barros, uma das seis escolas/agrupamentos espalhadas pelo país que foram selecionadas na 2.ª edição do projeto EMA, em 2011: a escola de Corroios é o exemplo de que é possível



melhorar a aprendizagem dos alunos com a oferta de uma experiência prática de laboratório.

Apesar de se estar apenas no final do primeiro ano do projeto, o diretor da escola afirma que, empiricamente, já se observa uma melhoria no pequeno grupo de alunos (cerca de uma dezena) envolvidos diretamente no projeto EMA, sobretudo a nível social. “Sempre que é preciso, estes alunos estão disponíveis para dar apoio à escola.” No Clube de Informática, por exemplo, onde as preferências vão para os exercícios de multimédia, mas também para lidar com o *hardware* (“desmontar e montar computadores”), surgiu o projeto PC Repair, a que alunos e professores recorrem frequentemente, para reparar equipamentos com problemas.

No horizonte, já existe também o projeto de criar uma rádio *online*. “As escolas públicas têm orçamentos muito reduzidos, ninguém imagina”, suspira Manuel Porfírio. As despesas correntes absorvem quase tudo, sobrando quase nada para investir em novos equipamentos, fundamentais para motivar alunos que vivem hoje entre as novas tecnologias e envolvê-los com os trabalhos a desenvolver. “Nem sempre é fácil fazer com que os professores com mais antiguidade percebam esta nova realidade: acabaram-se os tempos em que as aulas se resumiam ao professor em cima do estrado, ao *magister dixit*.” O financiamento obtido através do projeto EMA foi, por isso, essencial, não só para pôr os alunos de informática em contacto com material mais atualizado, mas sobretudo para equipar o laboratório de ciências. Porém, garante que tudo o que entra na escola é para benefício do coletivo: “Não há uma quinta do EMA.” ■

Mais informações sobre o projeto EMA: www.gulbenkian.pt

A reforma do setor público em conferência

Nos dias 28 e 29 deste mês, a Fundação Gulbenkian, o Banco de Portugal e o Conselho das Finanças Públicas realizam a conferência *Para uma reforma abrangente da organização e gestão do setor público*, com a presença de vários especialistas nacionais e internacionais. O Auditório 2 da Fundação estará aberto a todos os que quiserem participar deste debate público, organizado em três partes, mediante inscrição prévia em www.gulbenkian.pt. Na primeira parte serão apresentadas comunicações com uma perspetiva mais conceptual nas áreas da organização

e gestão públicas. A segunda parte da conferência incidirá na análise e discussão de casos de sucesso da reforma do setor público em três países – Austrália, Canadá e Suécia. Finalmente, será promovida uma mesa redonda de discussão sobre as lições a retirar para o caso português, para a qual serão selecionadas algumas das questões propostas pelo público que quiser enviar as suas perguntas através do site www.bportugal.pt.

A conferência termina com um *workshop*, no dia 30, restrito a especialistas convidados. ■

28 DE JANEIRO

9H15 Artur Santos Silva, Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian
Carlos Costa, Governador do Banco de Portugal

REFORMA DO SETOR PÚBLICO: ASPETOS CONCEPTUAIS

10H15 Christopher Pollitt (Universidade de Lovaina)
11H30 Giovanni Valotti (Universidade de Bocconi)
Comentadores: Pedro Santos Guerreiro (Jornal de Negócios); António Correia de Campos (Parlamento Europeu)

14H30 Geert Bouckaert (Universidade de Lovaina)

PERFORMANCE MEASUREMENT AND BUDGETING IN THE PUBLIC SECTOR

Comentadores: Francisco Sarsfield Cabral (Rádio Renascença); Rui Baleiras (Conselho das Finanças Públicas)

AS EXPERIÊNCIAS BEM SUCEDIDAS DE ALGUNS PAÍSES

16H30 John Halligan (Universidade de Camberra)
THE EXPERIENCE OF AUSTRALIA
Comentadores: António Costa (Diário Económico); Diogo de Lucena (Fundação Calouste Gulbenkian e Nova SBE)

29 DE JANEIRO

AS EXPERIÊNCIAS BEM SUCEDIDAS DE ALGUNS PAÍSES

9H30 Evert Lindquist (Universidade de Victoria)
THE EXPERIENCE OF CANADA
Comentadores: Nicolau Santos (Expresso); Luís Valadares Tavares (Instituto Superior Técnico/UTL)
11H30 Lars Jonung (Universidade de Lund)
THE EXPERIENCE OF SWEDEN
Comentadores: Teresa de Sousa (Público); Isabel Mota (Fundação Calouste Gulbenkian)

MESA-REDONDA

14H30 Presidente: Teodora Cardoso (Conselho das Finanças Públicas), Marco Cangiano (FMI), José Leite Martins (Inspeção Geral das Finanças), Luís Campos e Cunha (Nova SBE)
LIÇÕES PARA PORTUGAL

16H30 Encerramento

As relações Portugal-Alemanha

As relações entre portugueses e alemães no contexto da União Económica e Monetária, mas também perante os desafios que se colocam hoje à Europa com o advento das potências emergentes do Pacífico e a competitividade, são alguns dos temas que vão estar em foco no I Fórum Portugal-Alemanha, que se realiza a **24 e 25** deste mês. O Auditório 2 da Fundação Gulbenkian será o palco para a discussão organizada também pelo Institut für Europäische

Politik de Berlim (IEP), pela Embaixada da Alemanha e pelo Instituto Português de Relações Internacionais (IPRI-UNL). Os dois países estarão representados por membros do Governo, entre eles os respetivos ministros dos Negócios Estrangeiros, assim como por responsáveis dos bancos centrais, deputados, diplomatas, académicos e empresários. A conferência pode ser acompanhada também em direto através do site www.gulbenkian.pt. ■

Fundos EEA Grants para projetos sociais

A Fundação Calouste Gulbenkian será a entidade gestora e operadora, em Portugal, de um fundo no valor de 5,8 milhões de euros atribuídos pela Noruega, Islândia e Liechtenstein no âmbito da iniciativa EEA Grants, cujo objetivo é contribuir para a redução das disparidades económicas e sociais entre os países europeus. A tutela desta verba foi atribuída na sequência de um concurso dirigido a organizações portuguesas do setor privado não lucrativo, em que a Fundação revelou ser a entidade que reunia mais competências técnicas e financeiras, devido também à longa experiência na atribuição de subsídios. O mecanismo financeiro EEA Grants destina-se aos últimos 12 países a aderir à União Europeia, bem como a Portugal, Espanha e Grécia, e deve ser aplicado em áreas como a preservação do património cultural, a proteção ambiental, a investigação científica, o desenvolvimento humano e social e a

capacitação da sociedade civil. É nesta última área que será aplicada a verba gerida pela Fundação Gulbenkian. Até 2016, data limite para a implementação de projetos ao abrigo desta iniciativa, a Fundação Gulbenkian trabalhará para tornar a sociedade civil portuguesa mais coesa e organizada e para uma maior justiça social, através da concessão de subsídios a projetos que promovam os direitos humanos fundamentais, a democracia participativa, e que combatam a discriminação, as desigualdades sociais e a exclusão dos grupos mais vulneráveis da população. As áreas enumeradas estão em linha com a estratégia de atuação que a Fundação Gulbenkian tem vindo a desenvolver, nomeadamente através do Programa Gulbenkian de Desenvolvimento Humano, e permitirá pôr em prática muito do saber já adquirido. Mais informações: www.eeagrants.org. ■

Evolução para os mais jovens

Nós, *os fantásticos seres vivos* é um vídeo de animação dedicado aos mais jovens, entre os sete e os dez anos, que aborda vários conceitos de evolução. O vídeo apresenta a árvore da vida, em que todos os seres vivos são aparentados, explica o aparecimento de novas espécies e fala da contribuição dos estudos sobre evolução para outras áreas científicas e para a sociedade. Esta animação é uma coprodução das equipas de comunicação do Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC) e do Instituto

de Tecnologia Química e Biológica (ITQB). *Nós, os fantásticos seres vivos: uma breve história sobre evolução* foi financiado pela Câmara Municipal de Oeiras e contou com o apoio técnico (gravação e edição de som) da Fundação para a Computação Científica Nacional. Está disponível em versão legendada e não legendada no canal do IGC (IGCiencia) no YouTube. ■

Diagnosticar a Tuberculose em África

ForDILAB TB é o nome do projeto que arrancou há um ano, promovido e apoiado pela Fundação Gulbenkian, para a formação de técnicos na área do diagnóstico laboratorial da tuberculose nos países africanos da CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa), que cofinancia este projeto. O controlo da tuberculose depende muito da melhoria e rapidez do diagnóstico laboratorial e da sua fiabilidade, condições para as quais é decisiva a existência de recursos humanos qualificados.

Ao longo do ano passado estiveram em Portugal os primeiros formandos para realizar estágios de dois meses nas duas instituições que colaboram neste projeto: o Instituto de Higiene e Medicina Tropical (IHMT), em Lisboa, com sessões teóricas de manhã e práticas à tarde, e o Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge (Insa), no Porto, onde os formandos foram integrados na rotina de um laboratório de referência nacional.

O primeiro grupo, que chegou no início de 2012, incluía formandos da Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe, e o segundo grupo, que terminou o estágio em novembro, era constituído por técnicos angolanos e moçambicanos. Até 2014, altura em que termina o projeto, estas ações de formação de nível avançado e especializado terão sido frequentadas por 20 pessoas, que os Ministérios de Saúde dos seus respetivos países selecionaram em consonância com os planos nacionais de luta contra a tuberculose.

“Todos os participantes neste projeto lidam no seu quotidiano com a tuberculose, que é muito mais visível do que qualquer outra patologia, e observam o sofrimento das famílias por ela afetadas”, diz Miguel Viveiros, que orienta esta formação no IHMT, onde dirige o Grupo de Micobactérias da Unidade de Microbiologia. Reforça por isso a necessidade de “acarinhar” os técnicos de laboratório nesta área, permitindo que tenham condições de trabalho, a nível de segurança e equipamento, mas também a possibilidade de acesso a uma atualização sistemática.

Uma das componentes deste projeto de formação é, aliás, a criação de um fórum *online* de troca de experiências e de conhecimentos entre formandos e formadores, onde será possível a discussão e esclarecimento de dúvidas sobre técnicas e procedimentos de diagnóstico laboratorial da tuberculose. Para além disso, permite a troca de informações entre os técnicos de laboratório sobre casos de doença que surjam nos diferentes países e regiões, o que irá melho-



Os formandos com Jorge Ramos e Miguel Viveiros, da Unidade de Microbiologia Médica do Instituto de Higiene e Medicina Tropical/Universidade Nova de Lisboa

rar o controlo da tuberculose e outras micobacterioses nos países africanos da CPLP.

“Esperamos que o ForDILAB TB possa contribuir para a capacitação de mais pessoas que constituam no terreno uma rede na área da tuberculose”, afirma Maria Hermínia Cabral, diretora do Programa Gulbenkian de Ajuda ao Desenvolvimento e responsável pelo lançamento desta iniciativa, que surge na sequência de outros projetos anteriores de formação intensiva em países da CPLP.

Miguel Viveiros diz, por outro lado, que em Moçambique, um dos países em que a epidemia tem maior incidência, existe menos financiamento disponível do que em Angola, observando-se, porém, a existência de canais de comunicação que permitem a construção de uma rede que tira partido destas ações de formação, fazendo com que estes formandos se sintam parte de uma equipa. “O importante seria agora estes técnicos darem formação a outros colegas, passarem a mensagem”, avança Miguel Viveiros, que considera a “capacitação local” o próximo passo neste processo. Apesar de ser curável e de existirem medicamentos disponíveis, a tuberculose continua a ser um dos grandes problemas de saúde pública em África, onde se calcula que apenas 60 por cento dos casos existentes sejam detetados e que a doença vitime cerca de 250 mil pessoas por ano. A epidemia da tuberculose em África deve-se principalmente à pobreza e ao impacto negativo da coinfeção tuberculose/VIH. Quase metade dos doentes de tuberculose estão infetados com o VIH e poucos têm acesso à terapêutica antirretroviral. ■

Mais informações: <http://fordilab-tb.ihmt.unl.pt/>

Investigadores do IGC premiados

A equipa de investigadores liderada por Mónica Bettencourt-Dias venceu o **Prémio Pfizer de Investigação Básica**, atribuído pela Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa e pelos Laboratórios Pfizer. O prémio, no valor de 20 mil euros, ajudará à compra de equipamento que permite ver ao vivo estruturas cerca de 3500 vezes mais pequenas do que a ponta de um cabelo humano.

A investigação premiada permitiu descobrir como a célula constrói umas estruturas que funcionam como caudas, denominadas “flagelo”. Os flagelos são essenciais para o movimento de células como os espermatozoides, e também para movimentar fluidos numa direção, por exemplo para limpar impurezas do aparelho respiratório. Utilizando técnicas de microscopia eletrónica, os investigadores descobriram na mosca da fruta uma proteína essencial ao funcionamento dos flagelos. Sem ela, formam-se espermatozoides imóveis, resultando em moscas estéreis. Uma proteína semelhante foi

associada, em estudos anteriores, à infertilidade nos homens. Por seu lado, a Sociedade Portuguesa de Genética Humana (SPGH) atribuiu o **Prémio SPGH 2012** à investigadora Ana Ferreira como reconhecimento pelo melhor trabalho publicado em 2011 por um jovem investigador em Portugal. A investigação premiada foi desenvolvida no decorrer do pós-doutoramento de Ana Ferreira, no grupo de “Inflamação” do Instituto Gulbenkian de Ciência, liderado por Miguel Soares. Neste trabalho, os investigadores descobriram o mecanismo pelo qual a mutação responsável pela anemia falciforme confere proteção contra a malária. O mecanismo revelado neste estudo mostra como a hemoglobina falciforme desencadeia uma série de eventos moleculares que impedem o parasita *Plasmodium*, o agente causador de malária, de provocar no hospedeiro uma reação que leve à sua morte. Tudo sem interferir com o ciclo de vida do parasita. ■

Nova descoberta sobre a Malária

A proximadamente metade da população mundial encontra-se em risco de sofrer de malária e de desenvolver uma forma severa e, muitas vezes, letal da doença. Uma equipa de investigação liderada por Miguel Soares, investigador principal no Instituto Gulbenkian de Ciência, descobriu que o desenvolvimento de formas severas de malária pode ser prevenido por um simples mecanismo que controla a acumulação de ferro nos tecidos do organismo infetado. Os cientistas descobriram que a expressão de um gene que neutraliza o ferro dentro das células, designado por H Ferritina, reduz o *stress* oxidativo prevenindo danos no tecido e morte do organismo infetado.

Este estudo foi publicado em novembro na revista científica *Cell Host & Microbe*. Miguel Soares explica: “O nosso

trabalho sugere que indivíduos que expressam níveis mais baixos de Ferritina e que, portanto, não são tão eficientes em sequestrar o ferro tóxico dos seus tecidos, podem correr um risco mais elevado de desenvolver formas mais severas de malária. Além disto, o nosso estudo apoia uma teoria que explica como a proteção contra a malária, tal como contra outras doenças infecciosas, pode operar sem visar diretamente o agente causador da doença, nomeadamente o parasita *Plasmodium*. Em vez disso, esta estratégia de defesa funciona protegendo as células, tecidos e órgãos no organismo infetado contra a disfunção, limitando assim a severidade da doença.”

Este estudo abre portas a novas terapêuticas que podem conferir tolerância à malária. ■

A genética e a conservação das espécies

Pela primeira vez, um trabalho conduzido por Reeta Sharma, investigadora doutorada do grupo de Lounès Chikhi no IGC, conseguiu identificar as sequências de ADN que caracterizam o genoma do elefante do Bornéu, denominadas “marcadores genéticos”. O estudo publicado na revista científica *PLOS ONE*, além de contribuir para a conservação do elefante do Bornéu, abre novos caminhos para a conservação de outras espécies em risco.

O estudo revela que os elefantes do Bornéu possuem baixa variabilidade genética, o que pode colocar em risco

a sua sobrevivência num habitat ameaçado, mas ainda assim existem marcadores genéticos que apresentam variabilidade.

O elefante do Bornéu é uma subespécie única do elefante asiático, com morfologia e comportamento bastante diferentes: são geralmente mais pequenos do que os outros elefantes, com presas direitas e uma cauda longa. Esta subespécie encontra-se em risco de extinção, contando apenas 2000 indivíduos localizados no Norte do Bornéu. ■

China 3.0

O livro *China 3.0*, lançado na Fundação Gulbenkian no final do ano passado, é uma compilação de ensaios sobre o futuro do país. Depois da revolução comunista liderada por Mao Tsé-Tung e da revolução de mercado de Deng Xiaoping, a China está à beira de um terceiro momento de transição, que poderá passar por reformas que levem a uma maior abertura relativamente ao exterior e à democratização do país. É dos próximos passos do Império do Meio que trata *China 3.0*, uma edição do European Council on Foreign Relations apoiada pela Fundação Gulbenkian, que reúne ensaios a este respeito de alguns dos mais destacados e influentes pensadores chineses, alguns dos quais presentes no lançamento do livro e subsequente debate. O peso da China no contexto das grandes decisões internacionais faz com que a importância deste livro em muito extravase as fronteiras do país. A história é bem conhecida: à revolução de 1949 de Mao Tsé-Tung, que implementou na China um regime político de partido único, elevando-a ao

estatuto de potência mundial e transformando um país fechado em si mesmo num agente altamente interventivo e influente noutras latitudes, sucedeu, em 1978, a China de Deng Xiaoping, que privilegiava o crescimento económico, a construção de uma sociedade estável e de “riqueza moderada” e uma política externa low-profile. Este livro reflete sobre o próximo ciclo de um país que nos últimos anos tem provado a face negativa da política introduzida por Deng Xiaoping, tendo de solucionar problemas como o crescente fosso entre ricos e pobres, a estagnação do modelo económico assente em exportações e uma sociedade cada vez mais informada e difícil de limitar.

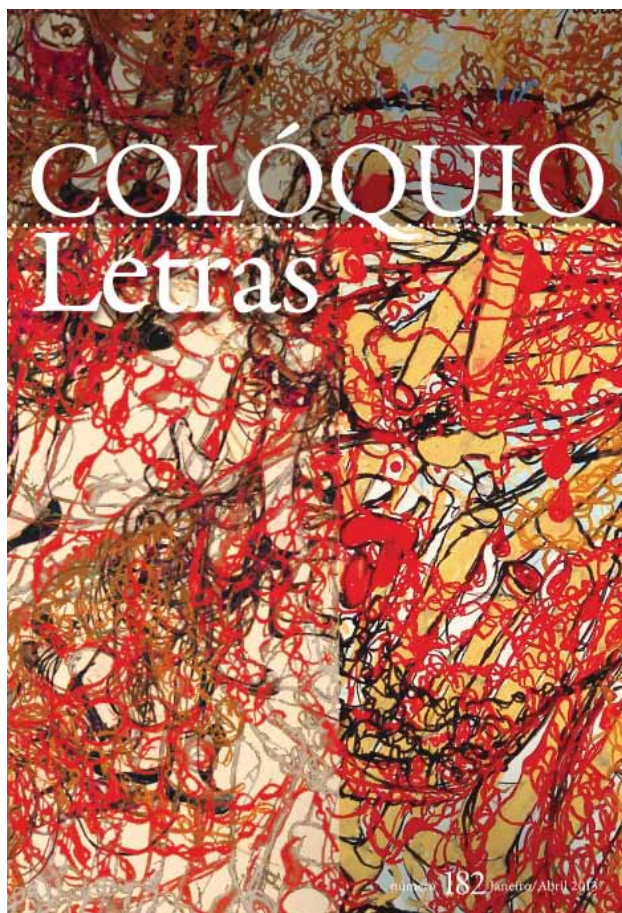
É nos desafios colocados a esta nova China, poderosa no cenário global, mas obrigada a lidar com novos desafios e a repensar-se, que se centra esta compilação de reflexões editada por Mark Leonard e disponível também em: www.ecfr.eu/programmes/china3. ■

Novo número da COLÓQUIO/Letras

O número 182 da *Colóquio*, de janeiro a abril, é centrado no tema “Clássicos”, detendo-se, em particular, sobre Camões e Gil Vicente. Neste contexto, são publicados artigos de Luís Quintais – “Camões, Montaigne e a sensibilidade antropológica moderna”; de António Carlos Cortez – “Luís de Camões ou os labirintos da exegese”; de José Manuel Dasilva – “A receção de Camões na Galiza”; e de Hélder Macedo – “Segundo o amor tiverdes”. Sobre o tema, há ainda artigos de Graça Videira Lopes – “Um caldo de berbigões: Portugal, a Europa e o Atlântico vistos do século XVI”; e de Maria do Amparo Tavares Maleval – “Revisitando o ‘Boosco Deleitoso’ com Gil Vicente”.

O poeta e ficcionista Manuel António Pina, recentemente desaparecido, é homenageado com um ensaio de Rita Basílio – “Manuel António Pina e as aprendizagens do literário”. Maria João Reynaud escreve sobre a ensaística de Vítor Aguiar e Silva, na sequência da publicação de *As Humanidades, os Estudos Culturais, O Ensino da Literatura e a Política da Língua Portuguesa*.

Neste número, em que a pintora convidada é Fátima Mendonça, há ainda a crónica de Baptista-Bastos e poemas de Lêdo Ivo, Rita Taborda Duarte e um quase-inédito de Sant’Ana Dionísio sobre Raul Brandão. ■



Regresso do concurso para a diáspora portuguesa

O FAZ – Ideias de Origem Portuguesa está de volta. A segunda edição desta iniciativa de inovação social destinada à diáspora portuguesa arrancará este mês, altura em que será lançado o concurso de ideias, cujo formato regista algumas alterações relativamente à primeira edição. Parceria entre a Fundação Gulbenkian e a Cotec, o FAZ – IOP é um desafio aos portugueses emigrados a que proponham soluções inovadoras para os problemas da nossa sociedade, convocando o talento e o empreendedorismo e promovendo o seu reencontro com o país. A primeira edição do FAZ – IOP registou grande adesão, tendo sido submetidas a concurso 203 ideias de 28 países dos cinco continentes. As ideias finalistas e, numa fase posterior, as não finalistas que se manifestaram interessadas, receberam formação em empreendedorismo social, e ao vencedor – o Arrebita!Porto, projeto de requalificação urbana a custo zero – foi atribuído um prémio destinado à sua concretização. ■



Desenho de um dos utentes da Casa do Telhal

A arte e a saúde mental

Ao longo de 2012, o Museu Gulbenkian e a Casa de Saúde do Telhal desenvolveram um programa para um grupo de utentes deste centro assistencial na área da Psiquiatria, Saúde Mental e Reabilitação Psicossocial. Centrado em visitas orientadas às galerias do Museu e a exposições temporárias, o programa integrou também oficinas criativas ou conversas sobre arte, história e culturas, realizadas pelo serviço educativo do Museu. Deolinda Cerqueira, coordenadora do projeto, diz que os resultados foram visíveis no “desenvolvimento cultural e humano”, mas também no “interesse e entusiasmo crescentes” de cada participante. Da arte egípcia à pintura europeia, foram muitos os núcleos museológicos incluídos nestas visitas que permitiram a cada um a expressão das suas emoções e a partilha de aprendizagens comuns, primeiro no museu e, posteriormente, em oficinas orientadas por Raquel Pedro (Casa do Telhal), com coordenação da psicóloga Maria João Moreira. Este ano, o Museu vai alargar o programa a outros utentes da Casa (em Mem Martins- Sintra), mas também às populações vizinhas, com o objetivo de uma maior integração. ■

Da arte egípcia à pintura europeia, foram muitos os núcleos museológicos incluídos nestas visitas que permitiram a cada um a expressão das suas emoções e a partilha de aprendizagens comuns, primeiro no museu e, posteriormente, em oficinas orientadas por Raquel Pedro (Casa do Telhal), com coordenação da psicóloga Maria João Moreira. Este ano, o Museu vai alargar o programa a outros utentes da Casa (em Mem Martins- Sintra), mas também às populações vizinhas, com o objetivo de uma maior integração. ■

Prémio para Terra de Ninguém

O documentário *Terra de Ninguém*, da cineasta Salomé Lamas, apoiado pela Fundação Gulbenkian, ganhou o Prémio Liscont para a melhor longa-metragem da Competição Portuguesa, na última edição do Doc Lisboa. Salomé Lamas já realizou outros filmes, nomeadamente *A Comunidade*, com o qual recebeu o prémio de melhor documentário no festival de Vila do Conde. Além de ter participado no Programa Gulbenkian Criatividade e Criação Artística, Salomé Lamas foi bolsista do Inov. Art. e está atualmente a preparar o doutoramento em Estudos Artísticos na Universidade de Coimbra. ■

Jovens cineastas premiados

O filme *Cerro Negro* continua a acumular distinções: depois de ter dado a João Salaviza o Prémio para Melhor Realizador Português na categoria de Curtas-Metragens da última edição do Indielisboa, o filme produzido no âmbito de uma encomenda do Programa Gulbenkian Próximo Futuro ganhou em novembro o Prémio de Melhor Curta-Metragem no Festival Caminhos do Cinema Português. *Cerro Negro* acompanha um casal de imigrantes brasileiros em Lisboa que luta contra uma separação forçada. O realizador João Salaviza considera o seu filme o segundo capítulo de uma trilogia iniciada com a curta *Arena* (Palma de Ouro em Cannes, 2009) e completada com a curta *Rafa* (Urso de Ouro de Berlim). ■



Imagem do filme *Cerro Negro* © Tjasa Halkan

Livro de Thuram editado em português

O livro que o antigo jogador de futebol e atual ativista contra o racismo, Lilian Thuram, publicou em França com o título *Mes étoiles noires* (“As minhas estrelas negras”), e que lhe valeu o Prémio Seligmann 2010, vai ser editado em breve também em Portugal com a chancela Tinta da China. A obra retrata mais de 40 personalidades de origem negra que ajudaram o autor a construir a sua identidade, eleitas como figuras de referência: de Esopo a Barack Obama, passando por Alexandre Pushkin, Anne Zingha, Aimé Césaire e Martin Luther King, entre muitos outros que marcaram a História.

“Confesso que nunca tinha pensado publicar um livro de um jogador de futebol famoso”, escreveu a editora Bárbara Bulhosa nas redes sociais. “Vamos publicá-lo em 2013, com muito orgulho”, rematou. O encontro entre a editora e o ex-jogador deu-se em novembro, quando Lilian Thuram esteve na Fundação Gulbenkian, a convite do Próximo Futuro, para apresentar a Fundação que criou em 2008 para promover a Educação contra o Racismo. ■



Mais água na Guiné-Bissau

O Projeto Bafatá Misti Iagu, promovido pelo programa Engenheiros sem Fronteiras da ONG portuguesa Tese em parceria com a Associação de Saneamento Básico, Proteção da Água e Ambiente de Bafatá, permitiu assegurar um serviço de abastecimento de água mais sustentável na cidade de Bafatá, na Guiné-Bissau.

Antes desta intervenção, apenas cerca de 20 por cento dos 28.067 habitantes da cidade de Bafatá possuíam acesso a fontes de água melhoradas. Agora, cerca de 45 por cento da população tem acesso a água de forma sustentável e mais segura.

Para além de reabilitar as infraestruturas, o projeto centrou-se na definição e implementação de um modelo de gestão do abastecimento, que permitiu ao parceiro local assegurar o funcionamento do serviço de água de forma viável e sustentável, nomeadamente através da cobrança do consumo, redução de perdas e capacidade técnica para a operação, manutenção e gestão financeira.

O projeto foi financiado pela Comissão Europeia, Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento, Fundação Calouste Gulbenkian e pela própria Tese. ■



*Tamila Kharambura | 22 anos | Violino**

O QUE LEVOU OS SEUS PAIS A ESCOLHEREM OS AÇORES PARA VIVER?

Os meus pais, ambos músicos, foram convidados em 1995, tinha eu 5 anos, a lecionar no Conservatório Regional de Angra do Heroísmo, atual Escola Básica e Secundária Tomás de Borba. Penso que o facto de o convite ter vindo de um país estrangeiro, bastante longínquo e diferente da Ucrânia, teve bastante peso na decisão de virem para os Açores (para além das óbvias razões profissionais), pois tinham curiosidade em conhecer uma nova cultura e aprender uma nova língua. Com o tempo, acabaram por gostar e decidiram estabelecer-se em Portugal.

QUANDO COMEÇOU A TOCAR VIOLINO?

Comecei a tocar violino com a minha mãe, Elena Kharambura, por volta dos quatro anos e meio, quando vivia na Ucrânia.

E ONDE ESTUDOU DEPOIS?

No Conservatório Regional de Angra do Heroísmo com a minha mãe. Posteriormente estudei na Escola Superior de

A importância do Prémio Jovens Músicos

Música de Lisboa com Gareguin Aroutiounian e também estudei, paralelamente, durante três anos, com Pavel Vernikov, na Scuola di Musica di Fiesole, em Itália.

PORQUE RESOLVEU FAZER O MESTRADO NA UNIVERSIDADE DAS ARTES DE GRAZ?

Já há muito tempo que queria estudar na Áustria ou na Alemanha, visto, nestes países, o nível do ensino de violino ser muito elevado. Entretanto, conheci a minha atual professora, Vesna Stankovic-Moffatt, e decidi ir para Graz tirar o curso de Mestrado em Performance sob a sua orientação.

O QUE REPRESENTOU PARA SI VENCER O PRÉMIO JOVENS MÚSICOS 2011?

A 25.ª edição do Prémio Jovens Músicos foi muito importante para o meu percurso, não só pelo 1.º prémio que recebi na categoria de Violino – Nível Superior, mas também pelo Prémio Maestro Silva Pereira – Jovem Músico do Ano 2011. Graças a estes prémios apareceram-me muitas oportunidades que dificilmente teria encontrado caso não tivesse participado no concurso. Tive oportunidade, por



exemplo, de tocar a solo com a Orquestra Gulbenkian e o maestro Pedro Neves o Concerto de Tchaikovsky e o Concerto de Mendelssohn, atuações que irei recordar por terem sido muito enriquecedoras, por se tratar de uma orquestra que admiro e de um maestro com quem gostei muito de trabalhar. Pude também frequentar várias *masterclasses* internacionais, como o curso de aperfeiçoamento da Mozarteum Universität de Salzburgo com Pierre Amoyal, o curso Lucca Estate Masterclasses com Pavel Vernikov, entre outros; tive oportunidade de tocar em recital na Casa da Música e, mais recentemente, na 26.ª edição do concurso, com os músicos Diemut Poppen, Tanja Becker-Bender, Alexander Lonquich e Alexander Chausian, o Quinteto de Schumann e o Scherzo de Brahms, uma experiência que foi marcante para mim. Em dezembro toquei com a Orquestra Sinfónica Portuguesa o concerto em Sol maior de W. A. Mozart.

É DAQUI PARA A FRENTE?

Estão previstos outros concertos para este ano, ainda graças ao Prémio Jovens Músicos, como por exemplo o Concerto Aberto da Antena 2, ainda sem data marcada. Em Graz terei concertos de música de câmara onde irei tocar o Quarteto Op.80 de F. Mendelssohn e também o famoso Octeto do mesmo compositor, entre outras peças.

COMO É VIVER EM GRAZ?

Depois de quatro anos a viver em Lisboa, não posso deixar de sentir Graz como uma cidade relativamente pequena e calma, e também muito bonita; não se perde muito tempo em transportes, há bastante tempo para estudar, a Universidade tem um nível muito alto tanto no departamento de cordas, como noutros departamentos, há sempre concertos e atividades a decorrer na Universidade e tenho professores fantásticos, como a Vesna Stankovic-Moffatt e o Stephan Goerner (música de câmara), com os quais estou constantemente a aprender e a receber motivação e conhecimento para continuar o meu aperfeiçoamento. Outro aspeto positivo de Graz é que fica a apenas duas horas e meia de comboio de Viena, onde há vários concertos diariamente, imensos museus e pontos de interesse, de modo que tento ir a Viena sempre que possível para aproveitar os melhores concertos e receber inspiração. ■

** Bolseira da Fundação Gulbenkian na Universidade das Artes de Graz, Áustria*



Maiores de (séc.) XVIII

Por André e. Teodósio e Vasco Araújo

Criadores artísticos e cénicos da ópera *Émilie*, de Kaija Saariaho.
Dias 17 e 18, Grande Auditório

“Não há que confundir os preconceitos com as conveniências.”
Émilie de Châtelet in Discurso sobre a felicidade

PRIMA LA MUSICA...

Primeiro a notícia como um choque: Kaija Saariaho, compositora fundamental da nossa era, compôs a sua terceira ópera. Depois, como é habitual nesses casos, os pormenores: Kaija Saariaho compôs uma ópera nova (coisa que desconhecíamos) tendo tido a colaboração de Amin Maalouf, figura grande da literatura.

De seu título *Émilie*, a ópera-solilóquio evoca o século XVIII através da rememoração da vida de uma mulher morta, Émilie de Châtelet, que foi determinante para o desenvolvimento da cultura e da ciência. Não podendo ser descrito como texto dramático, uma vez que não há sucessão de eventos, mas apenas exposição de eventos, e porque as referências históricas textuais contrastam claramente com as da escrita musical, que nos recoloca no tempo presente através da sua riqueza de influências, conseguimos adivinhar que o nosso trabalho não seria nada fácil. Seria lindo.

... E POI LE PAROLE.

A primeira vez que colaborámos na criação de um espetáculo foi no *Discotheater* feito pelo Teatro Praga em 2006 e que era construído sobre a ópera *Os Mestres Cantores de Nuremberga* de Richard Wagner.

Desde então as colaborações sucederam-se: de Giacomo Puccini a António Pinho Vargas passando por George Gershwin, muitas foram as colaborações onde, como amantes de ópera, levámos a cabo a nossa vontade de conceptualizar um formato, que tantas vezes é abandonado em prol da mera atividade decorativa, evitando, no entanto, cair no abismo da abstração.

A presente possibilidade de encenar *Émilie* de Kaija Saariaho, com libreto de Amin Maalouf, é um grande desafio que a Fundação Calouste Gulbenkian nos proporciona.

E que desafio é esse?

18

Embora neste momento vivamos na maior das idades, a do presente ano da presente década do presente século, convém não esquecer que o século XVIII não foi assim há muito tempo.

Estamos a umas meras rotações dessa data.

A ópera *Émilie* lembra-nos justamente isso. No dia em que se apresenta, uma cantora que interpreta Saariaho que interpreta Maalouf que interpreta Émilie que interpreta Newton, relembra-nos que a condição de estar e ser sujeito tem-se mantido mais ou menos sempre a mesma: materializando-se na contingência do amor, do conhecimento, da construção cultural e dos desejos placebo que só sabem mudar de forma. Entre mais folhos ou menos, mais pó de arroz ou menos, mais sol ou menos, vamos permanecendo os mesmos.

Émilie é a palestra definitiva sobre o princípio da existência: a nossa vida.

A nossa conveniência.

A photograph of a snowy, rocky landscape. The foreground shows a dark, rocky surface partially covered in snow. The middle ground is dominated by a large, white, textured snowfield that appears to be melting or has been disturbed, creating vertical ridges and valleys. The background is a bright, overexposed sky. A dark, semi-transparent banner is overlaid on the right side of the image, containing the text 'em janeiro' in white, lowercase letters.

em janeiro

Novas exposições no CAM

O CAM vai apresentar três novas exposições a partir do dia 18, neste ano em que comemora três décadas de existência. Duas artistas contemporâneas, vindas de geografias distintas, a afegã **Lida Abdul** e a australiana **Narelle Jubelin**, mostram obras recentes da sua produção e ainda outras inéditas, criadas especificamente para o espaço do CAM. A terceira exposição incide sobre um artista português desaparecido há 30 anos, **Julio**, que será alvo de uma homenagem, prestada em conjunto pelo CAM e pela Fundação Cupertino de Miranda. Já em Paris, a delegação da Fundação dará a ver uma mostra sobre Artistas Poetas e Poetas Artistas do século XX em Portugal e ainda uma exposição de fotografias realizadas no Cáucaso, por Pauliana Pimentel e Sandra Rocha, e que recria a viagem realizada àquela região por Calouste Gulbenkian em 1891.

Lida Abdul “O que ainda resta para sentir”

Lida Abdul, artista afegã nascida em Cabul e a viver em Los Angeles, vai apresentar-se pela primeira vez em Portugal, no CAM, numa exposição comissariada por Isabel Carlos. Autora de uma obra singular que remete invariavelmente para o contexto de guerra no Afeganistão, apesar de nunca recorrer a imagens explícitas dela, Lida Abdul capta a vida comum de um país que ostenta as feridas dos combates, com uma poética muito própria. As imagens fotográficas ou de vídeo captadas no seu país natal são, como alguém disse, “de uma beleza que dói”, mostrando ficções que têm tanto de encantatório como de melancólico. A artista cria situações performativas insólitas que passam por pintar de branco casas em ruínas ou pela intervenção num avião soviético esburacado e abandonado, enchendo-o de algodão.

As obras expostas são *In Transit*, de 2008 juntamente com *White House* e *Dome*, de 2005, e *White Horse, Brick Sellers* e *War Games*, de 2006.

Para esta exposição, Lida Abdul criou uma obra nova – *Time Love* – que parte do trabalho de um fotógrafo de rua de Cabul que, numa das artérias mais movimentadas da cidade, perto do registo civil, produzia fotos para os bilhetes de identidade e passaportes. Abdul cria uma instalação com-



Lida Abdul, *In Transit 1* © Lida Abdul

posta por 300 imagens de rostos de cidadãos afegãos, juntando a máquina fotográfica, rudimentar, em madeira, que as produziu. O que se dá a ver é o modo como a dureza da realidade do Afeganistão se reflete, há décadas, nas vidas das pessoas e na expressão dos seus rostos: algumas aparentam 70 anos quando têm 40. O que a artista pretende com este novo projeto é documentar os estados destes humanos reduzidos à sua materialidade pura, desafiando o público a entender o que estes rostos simultaneamente escondem e revelam.



Lida Abdul, *War Games (What I Saw)* © Lida Abdul



Lida Abdul, *In Transit 4* © Lida Abdul

A instalação terá um som ambiente, com textos lidos pela atriz Beatriz Batarda que remetem para experiência de fotografar pessoas num país em guerra. Neste texto, o público é interpelado com uma série de frases iniciadas pela expressão “Uma vez que”, como numa litania: “Uma vez que olhaste para o rosto de um homem que durante décadas dormiu ao lado da morte”, “Uma vez que viste meninos soldados de rostos aterrorizados e sujos onde pó, lágrimas e fumo se misturam”, “Uma vez que os teus sonhos são povoados por rostos desconhecidos”, “Uma vez

que fotografaste centenas de mulheres escondidas por detrás das suas burkas” e assim sucessivamente até terminar com: “Então, viver, morrer, sonhar ou amar, tudo é o mesmo/ Então, a nostalgia é um vinho cujo excesso acabará por te matar/ Então, ao final do dia o medo senta-se a teu lado/ E com ele partilhas histórias do que viste/ E imaginaste o que ainda resta para sentir.” ■



Lida Abdul, *Brick* © Lida Abdul

LIDA ABDUL
CAM

Curadoria: Isabel Carlos

18 JANEIRO A 31 MARÇO, TERÇA A DOMINGO, 10H-18H

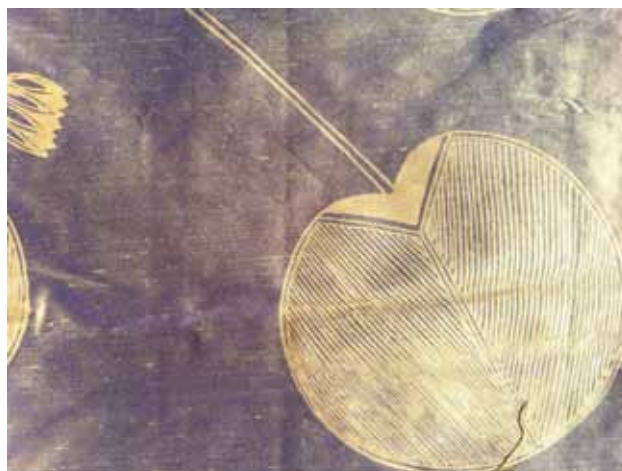
As plantas de Narelle Jubelin

A artista australiana Narelle Jubelin apresenta no CAM *Plantas e Plantas (Plants and Plans)* que remete para o duplo sentido da palavra – planta de jardim e planta de edifício –, conceitos que percorrem o seu trabalho.

Curiosamente, é uma obra da coleção do CAM que abre esta a exposição: *Uma floresta para os teus sonhos*, de Alberto Carneiro. Trata-se de uma instalação constituída por 200 troncos de pinheiros cortados e dispostos na vertical com diferentes dimensões e alturas que podem não só ser contemplados, como atravessados ou tocados. Estes troncos foram sujeitos a um tratamento que lhes conferiu uma cor esverdeada que lembra os eucaliptos (as árvores nativas mais comuns da Austrália), que marcam a paisagem e a vida do país. Para o discurso artístico aborígene, a questão do sonho também é muito importante, daí a escolha desta obra para incorporar a mostra.

De acordo com a comissária da exposição, Isabel Carlos, trata-se de uma exposição complexa, tão sedutora quanto difícil, ligada a contextos geográficos particulares (Austrália e Timor-Leste), e produzindo reflexões sobre a natureza, a arquitetura, o pós-colonialismo e o modernismo. Mais do que referências a práticas artísticas nativas, tanto da Austrália como de Timor-Leste, Narelle Jubelin traz para o centro da sua exposição – literalmente no centro, no meio da nave do museu sobre dois canos que correm em paralelo – a produção têxtil das artistas aborígenes australianas Emily Kaybbrim, Graham Badari e Jean Baptiste Apuatimi e a produção de tecidos (tais) de Timor-Leste. Esta instalação foi criada especificamente para esta mostra.

Serão apresentados também os trabalhos que identificam a sua marca autoral, uma série de pequenos bordados que à distância se confundem com pinturas. Um conjunto de 12 trabalhos criados a partir de fotos da construção da casa dos pais da artista, nos arredores de Sydney, estará colocado sobre uma mesa. Esta instalação estabelece uma linha



que percorre a obra e que se prende com uma reflexão sobre arquitetura.

Mais recentemente, o uso do vídeo passou a ser um meio recorrente para melhor aprofundar a relação entre arquitetura e paisagem, para revisitar o modernismo e para interpelar a história do colonialismo europeu, questões que a artista cruza com a sua história privada. Serão apresentados nove vídeos, entre os quais um trabalho que incorpora imagens da exposição de Josef Albers que o CAM apresentou no ano passado, captadas pela própria artista e que são cruzadas com imagens de obras de Harry Sidler, arquiteto austríaco judeu, aluno e amigo de Albers, que introduziu o modernismo na Austrália. A história paralela destes dois europeus, obrigados a mudar de continente em fuga ao nazismo e que se encontraram na Bauhaus, é aqui apresentada tal como os bordados da artista: num emaranhado de referências, em que pequenos pontos se juntam a outros pontos, conservando a singularidade no seu todo. ■

PLANTAS E PLANTAS

CAM

Curadoria: Isabel Carlos

18 JANEIRO A 31 MARÇO, TERÇA A DOMINGO, 10H-18H

A imagem que de ti compus

Homenagem a Julio

Uma exposição de homenagem a Júlio dos Reis Pereira completa o trio das exposições de janeiro. O dia da inauguração adquire um especial significado por coincidir com o dia da morte do pintor, ilustrador e poeta, ocorrida em 1983, em Vila do Conde, a sua terra natal.

Intitulada *A imagem que de ti compus*, reúne 92 obras de pintura e desenho e é uma organização conjunta do CAM e da Fundação Cupertino de Miranda focando-se nos períodos surrealistas e expressionistas que se fizeram sentir na sua obra ao longo de três décadas, de 1920 a 1940. Serão mostradas pinturas a óleo e desenhos das duas coleções, ambas detentoras de um número significativo de obras do pintor referentes a essa primeira fase da sua produção. Estes núcleos serão reforçados com pinturas de algumas coleções particulares. Serão ainda apresentados desenhos inéditos que pertenciam à coleção do pintor Cruzeiro Seixas, adquiridos pela Fundação Cupertino de Miranda, e que nunca foram mostrados fora daquele espaço.

A exposição inclui o filme-documentário sobre o pintor que Manoel de Oliveira realizou em 1965. Este filme desconhecido da maioria das pessoas, com a duração de cerca de 15 minutos, música de Carlos Paredes e narração de José Régio, foi emprestado pela Cinemateca Portuguesa e estará



Julio, *Tarde de festa*, 1925 © Col. CAM-FCG

permanentemente em exibição numa das salas que acolhem a exposição.

A vertente de poeta desta personalidade multifacetada estará também presente na mostra (Julio escreveu sob o pseudónimo de Saúl Dias) com vários poemas que percorrem o espaço da exposição.

A mostra não terá um carácter retrospectivo, pretendendo, antes, homenagear aquele que é considerado por alguns historiadores como um dos pioneiros do surrealismo em Portugal, numa altura em que se assinalam três décadas sobre o seu desaparecimento. A curadoria está a cargo de Patrícia Rosas (CAM) e António Gonçalves (Fundação Cupertino de Miranda). ■

A IMAGEM QUE DE TI COMPUS

HOMENAGEM A JULIO

CAM

Curadores: Patrícia Rosas e António Gonçalves

18 JANEIRO A 7 ABRIL, TERÇA A DOMINGO, 10H-18H



Almada Negreiros, *Retrato de Fernando Pessoa* © Col. CAM-FCG

Novas exposições em Paris

A Delegação da Fundação Gulbenkian em França inaugura duas novas exposições este mês. A primeira, *Artistas Poetas. Poetas Artistas – poesia e artes visuais do século XX em Portugal*, é totalmente produzida pela Delegação e comissariada por Maria João Fernandes, partindo de um significativo núcleo de obras de pintura e desenho da coleção do CAM, a que se juntam outras de várias instituições e coleções privadas. Através de uma perspetiva histórica, a exposição dará a ver os principais movimentos do século XX português: Simbolismo, Modernismo, Neorrealismo, até à contemporaneidade. Almada Negreiros, pensador, poeta e pintor emblemático do modernismo em Portugal, e Fernando Pessoa, figura maior da poesia e da cultura portuguesas, estarão amplamente representados. Destaque ainda para nomes como Teixeira de Pascoaes, António Carneiro, os poetas surrealistas Mário Cesariny e Cruzeiro Seixas e ainda Ana Hatherly, Júlio Pomar, Herberto Helder e Eugénio de Andrade, entre outros.

IMAGENS DO CÁUCASO

A outra exposição que também é inaugurada no dia 16, *Cáucaso – Memórias de Viagem*, foi apresentada no Museu

Gulbenkian em 2011 e é composta por uma série de fotografias de duas jovens fotógrafas, Pauliana Pimentel e Sandra Rocha, que resolveram recriar, em 2009, a viagem que Calouste Gulbenkian empreendeu no Cáucaso em 1891, com a idade de 22 anos, e que deu origem à sua primeira obra *La Transcaucasie et la Péninsule d'Apchéron – Souvenirs de Voyage*.

Esta memória visual das duas artistas ficou registada num livro. Uma seleção de fotografias reunidas nessa publicação pode ser vista nesta exposição até 30 de março. ■

ARTISTAS POETAS. POETAS ARTISTAS

Curadora: Maria João Fernandes

CÁUCASO – MEMÓRIAS DE VIAGEM

PAULIANA PIMENTEL, SANDRA ROCHA

Delegação da Fundação Gulbenkian em França

16 JANEIRO A 30 MARÇO



Aspecto da exposição © Márcia Lessa

As Idades do Mar

Últimas semanas

A exposição dedicada ao Mar que o Museu Gulbenkian apresenta e que reúne mais de uma centena de obras da pintura europeia de grandes museus e de coleções de todo o mundo, pode ser visitada até ao dia 27 deste mês na sala de Exposições Temporárias da Fundação Gulbenkian. O comissário da exposição, João Castel-Branco Pereira, propôs uma abordagem através de vários núcleos, ilustrados não só por obras de grandes mestres, mas também por trabalhos de autores menos divulgados, mas de qualidade surpreendente. Ao lado de Édouard Manet, Claude Monet, Gaspar Friederich, Joaquín Sorolla ou Paul Klee, entre outros, surgem obras de pintores menos conhecidos como Aristide Sartorio ou Jan Quellinus II, discípulo de Rubens. De acordo com o comissário da exposição, as pinturas escolhidas pretendem evocar diversos estados de alma ao visitante, como o receio, a coragem, a contemplação, a vontade de partir e a melancolia.

Entre as obras que marcam o percurso expositivo, o comissário destaca, entre outras, “as duas poderosas marinhas de Gustave Courbet, a obra-prima de Claude Lorrain, porto com a sua luz única, presente e insondável, cedida pelo Museu do Prado, os raros e breves traços sobre uma folha de papel de Paul Klee, ou ainda o pequeno quadro de Friederich, cujo mar parece ter uma presença divina”. Chama ainda atenção para o “mar encapelado que Emil Nolde mostra e que põe em causa a percepção de infinito, misterioso e ao mesmo tempo apaziguador, que as duas



Hendrik Willem Mesdag, *Regresso dos Barcos de Pesca*, 1895 © Col. Gemeentemuseum

grandes pinturas no fundo da sala, de John Brett e de Luigi Belloni, transmitem”, obras que fecham a exposição.

A mostra pode ser visitada de terça a domingo das 10h às 20h. ■

Victor Gama

Vela 6911

Um insólito concerto multimédia da autoria do músico luso-angolano Victor Gama vai ter lugar no dia 20 deste mês, às 19h, no Grande Auditório da Fundação, no âmbito do ciclo Músicas do Mundo. Estreada no Harris Theatre de Chicago, a peça – Vela 6911 – foi buscar o título a um satélite norte-americano que detetou uma explosão nuclear na Antártida e baseia-se no diário de bordo de uma oficial do exército sul-africano que participou nessa missão. Victor Gama revela as razões do seu interesse por este episódio, que deu origem ao espetáculo que vamos ouvir e também ao filme com que iniciou este projeto e que será apresentado nesse mesmo dia às 18h, no Auditório 3.

O QUE ESTEVE NA ORIGEM DE VELA 6911?

Este concerto é a segunda fase de um projeto que iniciei em 2006, no deserto do Namibe, e que deu origem ao filme tectonik: *TOMBUA – geografias em colisão*. Baseia-se num acontecimento que ocorreu no Atlântico Sul junto ao continente antártico: a 22 de setembro de 1979, o satélite norte-americano Vela 6911 detetou uma explosão nuclear atmosférica entre a ilha Marion, sob administração da África do Sul, e a costa da Antártida. A explosão é apontada como um dos dois alegados testes nucleares realizados pela África do Sul no final da década de 70. Antes da transição para a democracia, o regime de *apartheid* havia desenvolvido um programa de armas nucleares, dispondo de várias ogivas que foram posteriormente desmanteladas no início dos anos 90 sob supervisão da ONU. Várias estações científicas na Antártida e noutros locais do planeta detetaram a explosão e existe um manancial de documentação sobre o acontecimento, que, no entanto, permanece envolto em mistério, pois a África do Sul nunca reconheceu tê-lo realizado. Os programas de armas de destruição maciça que a África do Sul desenvolveu durante o regime de *apartheid* desestabilizaram toda a região da África Austral durante mais de uma década.

E COMO RESOLVEU ABORDAR ESTE EPISÓDIO?

A peça baseia-se no diário de bordo de uma oficial do exército sul-africano, a tenente Lindsey Rooke, que participou na missão e que fez a viagem de barco para o local onde se terá realizado o teste. No diário que deixou descreve a natureza que encontrou nessa região remota, o seu poder e a sua beleza, bem como tempestades, o oceano, os *icebergs* majestosos e as montanhas geladas. Também descreve o teste a que assistiu, o rasto de destruição, morte e contaminação que deixou naquela área de natureza intocada.

O QUE MAIS O IMPRESSIONOU NESSE DIÁRIO?

A viagem de Lindsey Rooke começa com uma grande tempestade que atingiu os vários navios que participavam na missão secreta e em que quase naufragou. A tempestade é um ponto de viragem a partir do qual se dá um despertar de consciência, uma entrega ao chamamento da natureza que a rodeia numa das regiões mais remotas do Atlântico Sul. Não há registo de nenhuma descrição deste tipo o que torna este diário um documento único na história dos testes nucleares e do desenvolvimento de armas de destruição maciça. Grande parte da documentação existente sobre testes de armas nucleares ainda se encontra classificada e aquela a que tive acesso durante a fase de investigação vem quase sempre cheia de grandes manchas negras que cobrem grande parte da informação. Lindsey Rooke é uma das únicas pessoas que assiste a um teste nuclear de muito perto e o descreve de uma forma muito visceral, como se observasse um *big bang* cósmico de consequências terríficas para a humanidade e para a natureza, uma simulação do fim do mundo. Poucas pessoas têm acesso a este diário visto que na África do Sul todos aqueles que participaram nos programas de armas de destruição maciça estão sob compromissos de confidencialidade muito restritivos. Para além de todos estes aspetos sobre a experiência extraordinária desta mulher, ela revela-se como testemunha de um facto histórico que une a África do Sul a Angola e ao conflito entre os dois países durante mais de uma década.

E COMO CONVERTEU TUDO ISTO NUM ESPETÁCULO?

Escrevi uma partitura composta para dois violinos, duas violas, dois violoncelos, um fagote, tímpanos e para os instrumentos acrux, toha e dino criados por mim. A partitura é acompanhada de um componente vídeo sincronizado, inspirado nesta viagem algo iniciática da tenente Lindsey

e no despertar de consciência que transmite através do seu diário de bordo. Parte do vídeo é resultado de observações científicas de estações que se encontram na Antártida e outra parte é filmado por mim numa viagem que fiz àquela região, especificamente para o efeito, em janeiro de 2012. A peça que vou apresentar no dia 20 de janeiro no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian surgiu de uma encomenda feita pela Orquestra Sinfónica de Chicago e foi apresentada em estreia mundial no ciclo de concertos MusicNOW em março de 2012.

EM QUE CONSISTEM OS INSTRUMENTOS QUE CRIOU?

Os instrumentos que utilizo em *Vela 6911* – acruç, toha e dino – são da série Pangeia, que tenho vindo a desenvolver há mais de quinze anos. O acruç é um instrumento inspirado na constelação do Cruzeiro do Sul com um sistema de teclas que representam órbitas de planetas imaginários que giram em torno das estrelas daquela constelação. Possui 43 teclas metálicas que se assemelham a folhas de ginkgo biloba e têm uma afinação cromática que abrange três oitavas. A toha é uma espécie de harpa cujo desenho remete para o ninho de um pássaro, o tecelão mascarado, que habita uma vasta região do Sul de Angola. Dispõe de 44 cordas distribuídas por duas escalas diatónicas simétricas e é tocada por um ou dois músicos. Durante o concerto a toha vai ser tocada por mim e pela harpista Salomé Pais Matos. O dino é um arco musical com apenas uma corda, e que é tocado com recurso a eletrónica. *Vela 6911* tem uma partitura escrita de forma a permitir a maior integração possível entre estes instrumentos e os instrumentos de orquestra. ■



CONCERTOS EM DESTAQUE

17 JANEIRO, 21H | 18 JANEIRO, 19H

ORQUESTRA GULBENKIAN

ÉMILIE, DE KAJA SAARIAHO

ERNEST MARTINEZ-IZQUIERDO

BARBARA HANNIGAN

VASCO ARAÚJO E ANDRÉ e. TEODÓSIO

Coencomenda da Fundação Gulbenkian

24 JANEIRO, 21H | 25 JANEIRO, 19H

CORO E ORQUESTRA GULBENKIAN

PAUL MCCREESH

Mozart, Stravinsky, Schubert

26 JANEIRO, 19H | 27 JANEIRO, 19H

ELISABETH LEONSKAJA

Integral das Sonatas para piano de Schubert

28 JANEIRO, 19H | 29 JANEIRO, 19H

CUARTETO CASALS

Integral dos Quartetos de Cordas de Schubert

31 JANEIRO, 21H | 1 FEV, 19H

ORQUESTRA GULBENKIAN

PAUL MCCREESH

KARITA MATTILA

Luís de Freitas Branco, Richard Strauss, Edward Elgar

2 FEVEREIRO, 21H

IL COMPLESSO BAROCCO

ALAN CURTIS

JOYCE DIDONATO

DRAMA QUEENS

Árias de óperas barrocas



Claudius Ptolomeu, *O mundo de Ptolomeu in Cosmographia*, Século XV © Biblioteca Estense, Modena, Itália

A Ciência descoberta por portugueses e espanhóis

Conferência antecipa exposição

Um mês antes de abrir ao público a exposição *360° Ciência Descoberta*, o Auditório 2 da Fundação Gulbenkian receberá, no **dia 30**, a conferência *Rodear el mundo. Enciclopedismo y circumnavegación (ss. XVI-XVIII)*. Esta é a primeira conferência do ciclo que acompanhará a exposição, com inauguração marcada para 28 de fevereiro na Galeria de exposições temporárias da Sede da Fundação. A exposição e o programa previsto de atividades paralelas mostrarão os desenvolvimentos científicos que tiveram lugar aquando da época dos descobrimentos ibéricos e sem os quais estes não teriam acontecido.

A exposição procura mostrar de que forma os novos mundos com os quais os povos ibéricos tiveram contacto, o estabelecimento de novas práticas empíricas, a crítica do saber antigo e as inovações técnicas, entre outros fatores,

influenciaram o nascimento da modernidade científica europeia. Organizada em torno de quatro temas, a exposição tem por núcleo principal as rotas marítimas de escala planetária que portugueses e espanhóis estabeleceram e que o nome *360°* refere.

O orador convidado da sessão de 30 de janeiro é Juan Pimentel, investigador do Instituto de Historia do Centro de Ciencias Humanas y Sociales, doutorado em Geografia e História pela Universidad Complutense de Madrid, e autor de artigos em publicações internacionais e de livros sobre expedições europeias ao Novo Mundo. A esta conferência seguir-se-ão outras seis, entre os meses de fevereiro e maio, estando também previstas sessões temáticas, visitas organizadas e atividades com escolas. ■



Professores e artistas na Fundação Gulbenkian © Descobrir

Os artistas vão à Escola

O Descobrir – Programa Gulbenkian Educação para a Cultura e Ciência entra em 2013 com dois projetos dedicados à Escola, assentes na criação de estratégias e metodologias que facilitem o envolvimento e a participação dos alunos em contexto de sala de aula.

A sua mais importante e inovadora ação neste sentido, o projeto Dez X Dez, entrará este mês numa fase definitiva, que será o culminar de um processo iniciado em julho de 2012. O projeto promove a colaboração entre professores do ensino secundário e artistas de várias disciplinas que se têm dedicado a atividades educativas junto de instituições culturais. A consulta efetuada a professores e especialistas em Educação levou à identificação da desmotivação dos alunos como um problema que exige uma resposta nem sempre óbvia. Numa era em que o acesso à informação é cada vez mais fácil, o papel da escola deve ser o de estimular a capacidade crítica dos alunos, envolvê-los na produção de conteúdos e fomentar o seu sentido de responsabilidade, com o objetivo de ajudar a que os professores criem estratégias de comunicação que veiculem de forma eficaz estas mensagens. A colaboração com artistas foi considerada um método útil na medida em que as práticas artísticas contemporâneas estimulam a criatividade e o espírito de equipa, a improvisação, a experimentação e a capacidade de seleção de material, competências valorizadas neste novo paradigma de escola. Assim, em julho do ano passado, realizou-se na Fundação

Gulbenkian uma residência dedicada à reflexão e troca de experiências entre professores e artistas, tendo posteriormente sido constituídas duplas que de setembro a dezembro trabalharam em projetos educativos. O resultado destes projetos será apresentado este mês sob a forma de aulas, na Fundação Gulbenkian e nas escolas.

Outra iniciativa será o lançamento de cursos para professores que dotarão os docentes de novas competências, ao mesmo tempo que lhes atribuem créditos necessários à progressão na carreira. Foi no âmbito do Pequeno Grande @ (concurso que pedia aos alunos que construísem uma narrativa de modo a interiorizar ideias de autor, cópia, criatividade e originalidade), que o Descobrir iniciou a creditação dos seus cursos para professores. Foram constituídas parcerias com Centros de Formação de Professores – o Centro António Sérgio, em Lisboa, e o Centro de Formação de Escolas Centro-Oeste, nas Caldas da Rainha – para a certificação desses cursos.

O início de 2013 assistirá ao lançamento de cursos práticos, teóricos e de formação pedagógica – Traços da contemporaneidade: espaços de encontro; Mediar públicos com Necessidades Educativas Especiais; Experiências videográficas: gravar, editar e levar para casa; e O Cinema de Animação, arte pedagógica – que cobrem as áreas da Música, da Educação Artística e da História de Arte e das Novas Tecnologias. ■



O mar na pintura

As *Idades do Mar* é o título do catálogo da exposição homónima que está desde outubro e até dia 27 deste mês na Galeria de Exposições Temporárias da Fundação Gulbenkian. Estruturada sob os mesmos cinco temas que presidiram à organização da exposição – As Idades dos Mitos, A Idade do Poder, A Idade do Trabalho, A Idade das Tormentas, e Da Idade Efémera à Idade Infinita –, esta edição proporciona ao leitor uma ampla visão da influência que ao longo dos séculos o mar foi exercendo na criatividade dos incontáveis artistas que o representaram.

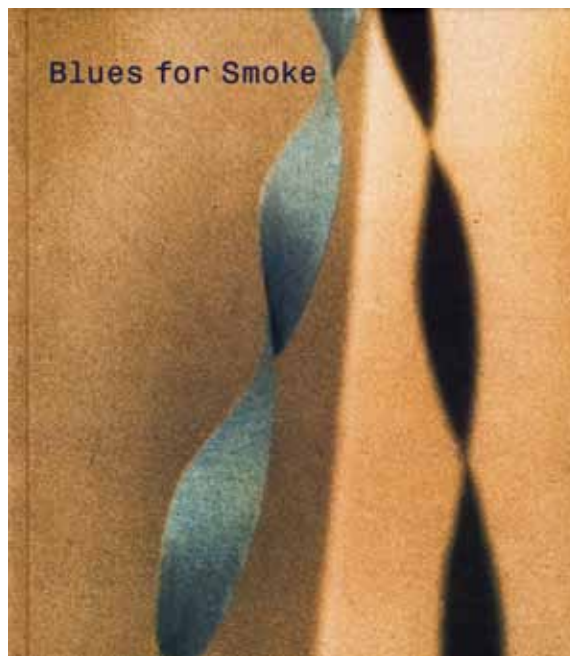
O apoio de 51 instituições nacionais e estrangeiras, e particularmente do Museu d’Orsay, permitiu ao Museu Gulbenkian reunir, em articulação com as obras da sua própria coleção, um conjunto rico e diversificado de pinturas, no qual estão representados Friedrich, Ingres, Lorrain, Klee, Sorolla e Monet, entre outros, não tendo sido esquecidos grandes nomes portugueses, como Amadeo de Souza-Cardoso, António Carneiro e Vieira da Silva. A ligação histórica do nosso país ao mar confere também um especial significado a esta exposição.

A organização deste catálogo leva a que as primeiras obras apresentadas sejam aquelas que remetem para o imaginário dos mitos e das lendas, assumindo protagonismo os episódios da mitologia clássica ou da Bíblia em que se torna evidente o papel do mar, enquanto cenário ou personagem, de histórias povoadas por divindades, heróis e monstros. No segundo momento, o da Idade do Poder, o mar é uma arena de batalhas navais em que esquadras impressionantes procuram estabelecer o seu domínio marítimo. A Idade do Trabalho, por outro lado, retrata o mar como fonte de alimento e de subsistência, assumindo uma dimensão material que significa que as obras reproduzem o desenrolar de atividades económicas ou comerciais relacionadas com o oceano. A Idade das Tormentas, por sua vez, é fértil em cenas trágicas de naufrágios, ilustrando o fascínio e o terror que o mar revoltado sempre induziu nos homens. A Idade Efémera está repleta de quadros em que o mar é tema ou motivo de pinturas paisagísticas. Por fim, a Idade Infinita representa um regresso ao início, sendo dominada pela simbologia, pelo misticismo e pela nostalgia das culturas mediterrânicas.

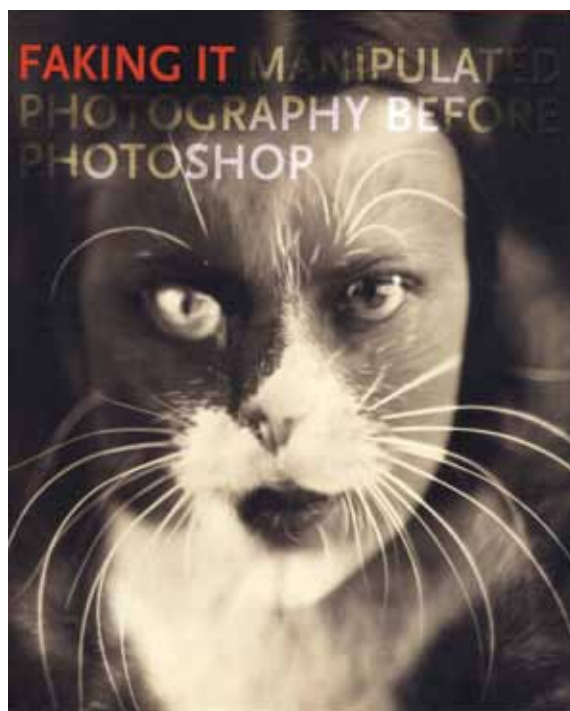
O catálogo, tal como a exposição, rejeita uma ordem cronológica, mas ganha continuidade e coerência pelo método temático adotado, que ao longo de mais de uma centena de obras é transversal a épocas e a estilos. Coordenado por João Carvalho Dias conta, para além da reprodução das obras que compõem a exposição, com a informação biográfica dos artistas, uma cronologia de acontecimentos importantes relacionados com o mar, e textos de João Castel-Branco Pereira (diretor do Museu e comissário da exposição), de Eduardo Lourenço, Dominique Lobstein, Francisco Contente Rodrigues, Mariana Castro Henriques, Pierre Ickowicz, Caroline Mathieu e Luísa Sampaio. ■

Catálogos de Exposições na **Biblioteca de Arte**

No dia 7 encerra, no Museum of Contemporary Art (MOCA) de Los Angeles, a exposição intitulada *Blues for Smoke*. De caráter interdisciplinar e transcultural, esta exposição explora e coloca em diálogo diferentes facetas da criação artística contemporânea, nomeadamente a música, a literatura, o cinema e as artes plásticas, reunidas à volta do *blues* como categoria musical, mas também e sobretudo enquanto teia de sensibilidades estéticas e de afinidades culturais, cruzando e atravessando as fronteiras da raça, da geração e das normas. Da responsabilidade curatorial de Bennett Simpson, com a colaboração do artista conceptual americano Glenn Ligon, a exposição mostra obras de cerca de 50 artistas visuais – entre os quais Jean-Michel Basquiat, Jimmie Durham, William Eggleston, Matt Mullican e Renée Green – desde os anos de 1950 até à atualidade, assim como um conjunto de filmes, registos sonoros e outros materiais culturais. Acompanha esta exposição – que pode ser visitada entre fevereiro e abril no Whitney Museum (Nova Iorque) – um catálogo profusamente ilustrado, organizado por Bennett Simpson, autor do ensaio onde faz a apresentação dos artistas e dos temas expostos, e ainda da bibliografia e da discografia; para além do curador, são também autores Glenn Ligon, Wanda Coleman e o músico e historiador George E. Lewis, a cujos textos se juntam os poemas de Greg Bordowitz, Fred Moten e Nathaniel Mackey. ■



A exposição *Faking it: Manipulated photography before photoshop*, que pode ser visitada até dia 27 no Metropolitan Museum of Art (MET), em Nova Iorque (e viaja depois, respetivamente, para a The National Gallery of Art, em Washington, e para o Museum of Fine Arts, de Houston), é a primeira grande exposição dedicada à história da manipulação fotográfica antes da era digital. Se a fotografia digital, com todos os *softwares* que permitem a sua edição, nos coloca de sobreaviso sobre os graus de manipulação a que a imagem pode estar sujeita, essa prática de manipular é tão antiga como a história da própria fotografia. Esta exposição reúne cerca de 200 imagens fotográficas criadas entre a década de 1840 e os anos de 1990, para fins tão diversos como a arte, a política, o comércio, o entretenimento e a informação, mostrando novas perspetivas da forma como a relação da fotografia com a “verdade” visual capturada se foi alterando ao longo da sua história. O catálogo, da responsabilidade editorial da curadora Mia Fineman, segue a mesma organização da exposição: contém sete secções, cada uma dedicada à análise dum conjunto de motivações de manipulação da imagem fotográfica, desde o século XIX até ao advento do photoshop; profusamente ilustrado, contém ainda uma bibliografia selecionada e um glossário de termos técnicos. ■



Museu Calouste Gulbenkian

Marinha

Aluno da Escola de Belas-Artes de Cristiania e da Academia de Copenhaga, Frits Thaulow estudou posteriormente sob a orientação de Hans Frederik Gude, que foi considerado, juntamente com Johan Christian Dahl, um dos maiores pintores românticos de paisagem na Noruega. Em 1879, permaneceu durante uma temporada em Skagen, localidade situada no extremo norte da Jutlândia, na Dinamarca, onde se reuniu uma comunidade de destacados pintores suecos, noruegueses e dinamarqueses, como Peder Severin Krøyer, adeptos da nova estética de ar livre introduzida pelos pintores de Barbizon por volta de 1830 e, a partir da década de 1870, pelos artistas associados ao movimento impressionista.

Thaulow acabou, todavia, por deixar muito cedo os países escandinavos, para se instalar definitivamente em França a partir de 1892, onde acabou por se dedicar em exclusivo à representação da paisagem, que procurou descrever de forma fidedigna. A proximidade que o uniu ao meio artístico francês, e a Claude Monet em particular, foi determinante na escolha dos motivos que abordou ao longo da carreira e na afinidade evidente que a sua obra deixou transparecer com a pintura impressionista de inspiração francesa. Revelou-se, por consequência, uma das figuras dominantes da nova cena de pintores paisagistas noruegueses ativos no último quartel do século XIX, como Christian Krohg e Erik Werenskiold, tendo sido considerado, justamente, um dos seus mais significativos renovadores.

Este pastel, uma das obras da coleção Gulbenkian selecionadas para a exposição *As Idades do Mar*, que pode ser vista na Sala de Exposições Temporárias da Sede da Fundação

até dia 27, oferece testemunho da singular qualidade de observação naturalista do autor. Thaulow representa neste pastel, com uma vigor expressivo notável, a força de vagas agitadas a embaterem violentamente contra as falésias da região de Dieppe, na Normandia, reproduzidas no último plano da composição. A obra reflete, em simultâneo, a capacidade particular do artista em traduzir, à maneira impressionista, através da utilização intensa do branco, efeitos atmosféricos de rara beleza.

Por outro lado, e à semelhança de Joseph Mallord William Turner na primeira metade de Oitocentos, o ponto de vista do pintor situa-se no centro de um mar fortemente agitado que ocupa praticamente toda a superfície da composição, assumindo-se como tema por excelência da obra. A linha do horizonte, colocada num ponto de vista muito elevado, sublinha, por sua vez, a força dramática das águas que, em movimento violento, no plano mais próximo do observador, monopolizam e justificam o discurso pictórico. Podemos por isso afirmar, sem exagero, estar na presença de algo também semelhante a um fragmento de Turner. ■

Luísa Sampaio

Marinha

Fritz Thaulow (1847-1906)

França, final do séc. XIX

Pastel

64 x 80 cm

Proveniência: Jean Coquelin; adquirido por Calouste Gulbenkian em 19 de Fevereiro de 1909.

Museu Calouste Gulbenkian, n.º Inv. 279



17 + 18 Janeiro

QUINTA, 21:00h — Grande Auditório

SEXTA, 19:00h — Grande Auditório

Emilie*

Kaija Saariaho

Barbara Hannigan
Orquestra Gulbenkian
Ernest Martinez-Izquierdo
Vasco Araújo
André e Teodósio

* Ópera em nova produção

Teatro
Maria Matos
GULBENKIAN
MÚSICA

GULBENKIAN 1962 - 2012
50
ORÇ.

MUSICA.GULBENKIAN.PT

GULBENKIAN
MÚSICA



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

